

Nano

Paulo Sandrini

Sobre a unha do meu polegar. Quase invisível a olho nu.

O nome dele é Nano, está me dizendo o Doutor Hilário Concepción.

Nano é o menor robô do mundo segundo seus inventores. Foi concebido para percorrer o corpo humano desobstruindo artérias e atacando células cancerígenas.

Sobre o nome dessa invenção, discorre ainda o doutor: *nano* é um prefixo do grego antigo que significa anão.

‘Altos níveis de homocisteína em meu sangue foram responsáveis por entupirem minhas artérias e conseqüentemente por dois infartos. Dê graças, diz o Doutor Hilário, de você não estar sofrendo de uma aterosclerose, pois a homocisteína, essa porcária de aminoácido produzido após a digestão de carnes ou laticínios, além de deixar as artérias suscetíveis à formação de coágulos, contribui também para a formação de depósitos de gordura nas paredes dos vasos, aumentando sua rigidez, e aí, pimba: aterosclerose.

Durante os últimos meses venho ingerindo suplementos de complexo B (vitaminas B6, B12), mais ácido fólico, para baixar os níveis desse aminoácido não essencial que já vem sendo chamado de *o colesterol do século XXI*. Foi o Doutor Hilário também quem me disse isso, ao mesmo tempo em que seus olhos ganhavam um brilho singular.

Os níveis de homocisteína em meu organismo, hoje, estão aceitáveis, mas os estragos causados pelo seu excesso anterior podem ser ainda encontrados em mim

sob a forma de outras placas a entupirem as coronárias. O que, com certeza, me acarretará um terceiro infarto se nada for feito.

A tarefa de Nano é me livrar disso.

Daqui umas três horas, começarei a sentir os efeitos da viagem insólita do meu pequeno amigo.

Um rasgo na virilha e pronto: Nano estará dentro de mim.

Tenho a sensação de que sentirei constantes cócegas quando Nano começar a percorrer minhas vias sanguíneas.

Não, me diz o Doutor Hilário, você nada sentirá; Nano, como todo bom funcionário, trabalhará em silêncio e quando você mal tiver percebido o serviço estará feito.

Doutor Hilário recolhe Nano do meu polegar. O minúsculo produto de nanotecnologia passará por uma assepsia completa. Depois disso, seremos indissociáveis por horas. Tudo que disser respeito a Nano dirá respeito a mim, a minha situação.

Enquanto Nano vai para o banho, eu vou sendo encaminhado para o CION, Centro de Inserção do Objeto de Nanotecnologia, que é como chamam o que seria o centro cirúrgico deste hospital experimental.

Serei o segundo território que Nano vai explorar. O primeiro foi um senhor de uns sessenta anos. A Operação Nano, como denominaram por aqui o trabalho do quase invisível robô junto ao aparato e à equipe que o monitora, foi um sucesso: uma artéria totalmente desobstruída em um tempo relativamente curto e uma minúscula aglomeração de células cancerígenas detonada. Meu caso, certamente, é mais demorado. Uma coronária parcialmente bloqueada em três pontos e outra, em dois; e quem sabe algumas células cancerígenas no meio do caminho. Se a experiência der certo comigo, Nano estará pronto para desbravar o mercado internacional de artérias entupidas e futuros cânceres, pois passará a ser produzido em série para hospitais do mundo todo ou pelo menos do mundo que possa pagar por ele. Por enquanto, a Operação Nano é caríssima e eu sou um privilegiado, apesar de cobaia.

Me fazem tomar uma substância líquida — amarela, cítrica e amarga, muito rala, que dizem auxiliará a viagem de Nano — e já vou sendo conduzido pelos corredores do hospital até o CION. Tudo é muito limpo e organizado, como deve ser uma empresa privada do setor de saúde. Nas paredes, os cartazes dos produtos de nanotecnologia vão vendendo a ideia de que chegamos a uma nova era para a saúde

humana, seja em consequência dos remédios que atuam com exclusividade sobre a região do organismo afetada pela doença ou em consequência dos cremes com partículas microscópicas de vitamina E para retardar o envelhecimento, entre outras coisas. E entre essas e as demais imagens e mensagens, um pôster de Nano, numa foto ampliada (mas para demonstrar seu real tamanho, no canto inferior direito da peça publicitária há uma foto da pequena invenção sobre a unha de um dedo polegar) em que se pode ver bem sua forma: Nano se parece com um capacete de trabalhador, daí o slogan: Nano, um operário da nanotecnologia a serviço de sua saúde.

Uma garota vestida com camiseta e boné com ilustrações de Nano me aguarda em frente a uma espécie de display montado logo à entrada do CION. Ela me dá um folder para que eu me informe sobre como será todo o procedimento durante a operação à qual irei me submeter. Em seguida, coloca em minhas mãos um bonequinho de Nano para que eu o guarde como lembrança e fale bem dele mundo afora. Ela me dá ainda mais um líquido para ingerir, agora viscoso, de um verde fluorescente que, segundo leio no folder, auxiliará na localização de Nano dentro do meu corpo.

Aqui as enfermeiras foram substituídas por garotas muito saudáveis que são chamadas de promotoras de saúde ou simplesmente promoters. Vivem com um esgar ininterrupto na cara, simulando um sorriso. Isso tudo me lembra uma feira de produtos de saúde ou de outros produtos quaisquer (me ocorre que nunca estive numa feira de produtos de saúde) e me faz esquecer de que estou num hospital.

Ouvi a promoter dizer que todo esse ambiente aqui é bom para que o paciente sinta confiança durante a experiência à qual vai se submeter. Esquecer de que se está num hospital tem grande importância para se obter sucesso com a Operação, ela garante.

Enfim, a saúde também é um negócio e todo negócio tem de garantir bons serviços aos clientes, apesar de alguns clientes desse nicho (a saúde) não poderem voltar para reclamar depois de serem submetidos a determinados serviços.

Imagina isso aqui com aquela cara de matadouro que possuem os hospitais públicos, por exemplo? — desfere a promoter, certa de estar inoculando em mim uma dose a mais de confiança.

Sinto uma pressão na virilha. Parece que estou recebendo um tiro. O projétil me é introduzido e sua parada principal é o meu coração. Nano está em mim. Durante horas vai me desobstruir as artérias e vasculhará, com minúcia, meu corpo em busca de possíveis células cancerígenas. Dois trabalhos em um.

O preço para se ter Nano no organismo é alto (apesar de eu já ter dito que sou cobaia), por isso ele trabalha dobrado em cada operação. Talvez esse robzinho seja tão caro porque constitua uma novidade, e toda a novidade tem de ser cara até virar carne de vaca. Ou há mesmo uma supervalorização do produto e do serviço como há em qualquer outro tipo de negócio; não seria de se esperar que com Nano fosse diferente. Enfim, os membros da equipe do Doutor Hilário Concepción me afirmam que sou um abençoado, que Nano é muito, muito caro e ainda não é para qualquer um, e por isso tenho cá com meus botões: a partir de hoje já não sou mais “qualquer um”.

No universo eletrônico, quanto menor, mais caro, brinca o Doutor Hilário, e se Nano é quase invisível, o dinheiro pago por ele seria inversamente proporcional, rá rá rá!

Acho que sairei daqui devendo a alma, pois se hoje em dia não nos pedem dinheiro é porque é a nossa alma que vão cobrar. Certeza. Só não sabemos como e quando. No entanto, com Nano dentro de mim, sei que estarei em breve com as veias livres para que o sangue me irrigue por completo o músculo essencial da vida. E se houver algum princípio de tumor nos recônditos do meu corpo, esse logo será bombardeado pelo pequenino robô. Isso, não posso negar, me faz sentir um profundo bem-estar.

Sigo atento, acompanhando a trajetória de Nano por meio de um painel eletrônico com um pequeno ponto luminoso a se mover (esse ponto luminoso, claro, é Nano) em direção ao coração do desenho de um corpo humano a simular a estrutura física do paciente, neste caso o meu. Mais ao lado, um assistente acompanha num monitor de setenta e duas polegadas as imagens incrivelmente geradas pela nanocâmera que o robzinho milionário carrega consigo para registrar em vídeo todo o seu trabalho, que por enquanto vai bem, segundo Doutor Hilário, e por isso posso ficar tranquilo. Digo que estou bem. Sinto apenas uma leve sonolência. O doutor me diz que é normal e que eu posso dormir à vontade, afinal serão horas com Nano dentro de mim a trabalhar à exaustão para vasculhar em detalhes todo o meu organismo depois de me desentupir as coronárias.

Após quatro horas, e depois de ter ficado muito sonolento — mas não ter dormido, me mantendo absorto na luz fria da fluorescente no teto —, volto a acompanhar pelo painel eletrônico a viagem do meu salvador. Agora ele está parado, no meu pescoço. Acabo de saber que o serviço em minhas coronárias já foi realizado com sucesso, o sangue flui normalmente por elas e meu coração fatigado agradece. A partir de agora Nano continuará seu périplo pelo meu corpo, lá nos mais profundos recônditos, para ver se encontra as tão temidas células da doença maldita.

Nano caminha um pouco e para. Mais um pouco. E para. Assim segue seu agora tedioso trabalho de algoz do câncer. Observá-lo, desse modo, em seu trabalho paulatino, me causa mais sonolência. Mas, apesar de um tanto exausto, insisto em não dormir. Tenho pavor de sofrer qualquer tipo de complicação dormindo quando fazem esses tratamentos enfiando coisas no nosso corpo. Se algo de ruim tiver de me acontecer, que aconteça quando eu estiver acordado.

Então puxo assunto com os únicos dois médicos assistentes que restam acompanhando a operação. Quero saber por onde Nano deixará meu corpo quando terminar sua vistoria. Já sei a resposta, mas pergunto só para quebrar o silêncio e a calma que se abatem sobre o CION em consequência do sucesso, até aqui, da Operação. Nenhuma urgência. Nenhum percalço para o pequenino.

Um dos assistentes pergunta se quero mesmo saber por onde Nano deixará meu corpo, aí dá uma risada. O outro assistente também ri. Eu rio. Todos rimos por saber que se a Operação tem uma parte cômica, essa parte é a da saída de Nano.

O ponto de luz continua a se mover no painel. As imagens no monitor não acusam nada sério com minhas células, segundo o assistente. Não há algo com que se preocupar além das artérias que já foram desobstruídas. Canso de olhar para o painel eletrônico e para o monitor de vídeo. Me ponho a pensar em outras coisas, como uma boa refeição ao sair daqui: aquela carne assada com gordurinha derretendo nas bordas. Olha aí mais trabalho para Nano, no futuro.

Um murro no painel eletrônico e retorno do mundo dos pratos suculentos. Um dos assistentes está furioso. O outro, um pouco menos. Mas ambos estão a xingar o pequeno robô, que aparece e desaparece no painel, pisca por um tempo depois para de piscar. Sua nanocâmera gera, às vezes, algumas imagens, mas quando os assistentes estão quase conseguindo localizar em que parte do meu corpo está Nano as imagens são interrompidas. Nano, diz um dos assistentes, parece estar brincando de esconde-esconde. Maldito, diz um deles, essa droga custou milhões em pesquisa para desaparecer no meio do expediente. E a brincadeira de Nano se prolonga. Apesar dos sumiços dele dentro de mim não sinto nada de anormal. Mas os assistentes, sim. Tanto que agora os dois estão a desferir palavras do mais baixo calão contra o pequeno operário da saúde. Nano prossegue brincando: pisca, some, pisca, pisca, some; gera imagens pela nanocâmera, dá um fade to black, gera imagens, e mais um longo fade to black. Não aguento a situação, que é hilária, então rio, baixinho, para que ninguém perceba. Estou prestes a levar para casa, dentro de mim, milhões de dólares em pesquisa. Ficamos um bom tempo nesse some-aparece-some-aparece de Nano. Até que por fim ele some de vez.

Começo a rir mais alto. Mais alto. Alto. Mas não por achar a situação engraçada. Sim, porque estou sentindo arrepios, formigamentos e cócegas pelo corpo. Não sei ao certo em que ponto. Parece no abdômen. Parece no cotovelo. Parece na virilha. Parece na cabeça. Parece. Não sei. Só quero rir, porque não aguento. Nano, maldito Nano!, dá mais uma piscadinha no painel eletrônico. Então, uma imagem no monitor. Poucos segundos de apresentação e o show de Nano vai de novo para o intervalo. Eu sigo rindo. Rindo. Rindo e rindo. Gargalhando. Os médicos não conseguem me fazer parar. E também não têm a menor ideia de onde está Nano, que apareceu da última vez na região do baço. Querem me aplicar um tranquilizante. Antes chamam, aflitos, pelo Doutor Hilário Concepción. Que vem bufando.

O homem coça a cabeça, o queixo. Cofia o bigodinho. Bufo. Anda de um lado para outro. Olha para o painel eletrônico. Olha para mim. Desfere improperios para todos os lados. Aciona pelo celular os construtores de Nano. Eles não têm uma resposta na ponta da língua. O robô, segundo eles, estaria programado para ter deixado o meu corpo assim que completasse seu giro. Mas isso não aconteceu, grita Doutor Hilário Concepción. Uma reunião urgente é convocada. Sigo com minhas gargalhadas. Eu e Nano agora formamos uma dupla bem-humorada. Mal-humorados só os membros da equipe médica, que vêm chegando um a um, cabisbaixos, escutando os esporros do Doutor Hilário, que diz que a primeira coisa a ser feita é cortar minhas gargalhadas que ecoam pelo CION. (Nano também deve estar gargalhando, eletronicamente, à sua maneira). Me socam uma enorme agulha na veia.

Visão turva. Os sentidos lentos. Mesmo assim solto pequenas gargalhadas de vez em quando, pois as cócegas não cessam. Um projeto de milhões desaparecendo assim, se irrita o Doutor Onagro, diretor geral do Hospital, agora também aqui presente. Sim, um projeto de milhões, lamenta Doutor Hilário Concepción. Tratem de encontrar esse maldito robô, seus ineptos, grita o Doutor Onagro. Ouviram — reforça a ordem Doutor Hilário, num grito mais alto ainda —, encontrem o maldito robô, vivo ou morto. Os homens de branco começam a se agitar. Uma agitação típica de uma situação de emergência num centro cirúrgico. E apesar de estar lento dos sentidos e querer continuar gargalhando por causa das cócegas, posso perceber o olhar dissecador com que o Doutor Onagro e seus asseclas me fulminam.

Nano, seu merdinha!

Este conto foi publicado na antologia “48 contos paranaenses”.

Organização e prefácio: Luiz Ruffato.

Ano: 2014

390 páginas

Selo Biblioteca Paraná (Biblioteca Pública do Paraná)

<http://www.bpp.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=549>

Paulo Sandrini, 1971 (Vera Cruz, São Paulo). Designer, Mestre e Doutor em Estudos Literários, é também professor universitário e editor da Kafka Edições. Tem publicados os livros de contos “O estranho hábito de dormir em pé” e “Códice d’incríveis objetos & histórias de lebensraum”, as novelas “Osculum obscenum” e “O Rei era assim” e o livro sem gênero “Exposição das tripas”. Além de ter participado em coletâneas no Brasil e exterior, a última delas “Geração Zero Zero – fricções em rede”.